

Sob a persistência do real: memória e tempo¹

Ângela Mucida

O real freudiano: memória, inconsciente e tempo

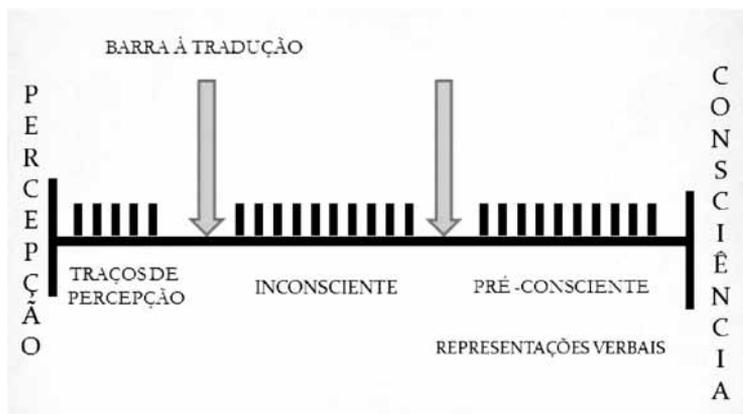
Malgrado Freud não tenha formulado o conceito de real e, muito menos, feito dele um operador clínico tal como Lacan, a Psicanálise não teria sido inventada se ele não tivesse suportado e sustentado sua clínica sob isto que jamais se universaliza. É sob o real que persevera sempre na memória e no trauma, bem como em todos os conceitos fundamentais que alicerçam a prática analítica, que Freud sustentou um método calcado no caso a caso. A forma de Freud operar com a direção do tratamento inaugura uma concepção inédita de tempo, o *a posteriori*: tempo que, retroagindo, provoca efeitos de sentido. O corte no tempo de cada seção impõe uma distância entre o dito e o dizer abrindo a novas traduções.

O funcionamento da memória ocupou o centro de muitos debates na obra de Freud, e algumas das teses desenvolvidas desde os primórdios da Psicanálise encontram hoje ressonância nas descobertas da Biologia. A tese fundamental de que uma vez marcados os traços não morrem jamais, é atual. A Ciência se indaga agora, porque, indestrutíveis, esses traços não podem ser lembrados. Questão bastante discutida por Freud em torno dos mecanismos da amnésia infantil, dos esquecimentos e das lembranças encobridoras.

Na *Carta 52* Freud² apresenta um aparelho psíquico constituído-se por traços, conforme figura abaixo.

¹ Artigo apresentado no V Encontro Internacional da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, São Paulo, julho de 2008, com modificações e acréscimos em abril de 2009.

² Freud, Carta 52 (1896/1977).



De um lado e do outro, separados por intervalos de três tempos, situa-se o sistema percepção-consciência. Os primeiros traços da percepção constituem-se os primeiros traços da memória e o primeiro tempo da constituição do sujeito. Tempo originário regido por traços de percepção, fixados e intraduzíveis, delimitando uma relação estreita entre sujeito, tempo e memória. Podemos afirmar com Freud que o sujeito é também um efeito do tempo e da memória, já que esta é a primeira apreensão do tempo.

Esse tempo primordial, escrito por traços que não se apagam, só pode ser traduzido parcialmente pelo segundo tempo, tempo de ligação, e o terceiro, das representações verbais. Entre o primeiro e o segundo tempo, há uma barra ao sentido, barra à tradução, impondo uma falha originária no tempo que percorrerá todo o funcionamento da memória traduzindo, a nosso ver, o que Lacan nomeia de “debilidade” do sujeito para tratar a precoce incidência do Outro em sua constituição. Desse tempo, diríamos sincrônico, o sujeito só encontra traduções possíveis pela diacronia da historicidade de sua cadeia significativa.

Com Lacan, podemos reler de maneira sintética esse tempo primordial como o tempo real, do inconsciente como real. Mesmo que Freud não tenha indicado da mesma maneira que Lacan essas duas maneiras de o inconsciente se apresentar – metafórico, que faz cadeia e se interpreta, e ligado ao real, avesso ao sentido – ³, algumas indicações freudianas fazem eco à relação entre inconsciente e real indicada por Lacan, em especial após os anos 70. E, mesmo que, ao contrário de Lacan, Freud tenha encontrado no inconsciente acosado ao irrepresentável o rochedo intransponível de uma análise, algumas indicações desde os primórdios da psicanálise demonstram que ele nunca foi desavisado sobre os limites da verdade e do saber no percurso de uma análise. Suas teses sobre a memória assentam-se, da mesma forma, sob a concepção de que algo não se traduz.

Em *Projeto para uma psicologia científica*⁴ temos a distinção de dois tipos de células: as “perceptivas”, que são permanentemente influenciadas, e as mnêmicas, imutáveis que se encontram livres das influências das excitações inéditas, colocando em cena um tempo que não pode ser recuperado. Esse tempo marcado pelos primeiros traços de percepção, traços que não se alinham ao sentido, forma primordial da memória, assemelha-se aos significantes esvaziados

³ A propósito ver Lacan, Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI (1976/2001, p. 571): “Só temos certeza de estar no inconsciente quando o lapso não comporta mais nenhum sentido”; e O Seminário, livro 23: O sintoma (1975-76/2005, capítulos IX e X).

⁴ Freud, *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1977).

de sentido tal como definidos por Lacan: não fazem cadeia, não sofrem a erosão do tempo, não podem ser nomeados, mas têm efeitos sobre tudo que ocorre depois. É o tempo do trauma, do recalque originário, do inconsciente intraduzível, da repetição e do real que constitui também a memória.

Essa falha inaugural delimita a impossibilidade de que esses traços façam uma cadeia de sentido, indicando a primeira e fundamental vicissitude da memória; antes de falar, articular um discurso e tentar traduzir o tempo marcado, o sujeito já foi falado, nomeado, contado por um tempo anterior, que não se recupera jamais.

O segundo e o terceiro tempo permitem certo tratamento ao real, implicando com isto que algumas ligações, cadeias, traduções e rearranjos tornam-se possíveis, mas sustentados pelo impedimento da primeira e irrecuperável apreensão do tempo. Nem tudo pode ser traduzido e recuperado. Assim, esse “bom tempo” de cada dia – parafraseando Lacan⁵ em relação ao bom recalque, recalque secundário –, algo é transcrito e traduzido, instituindo um sentido, e isto não opera sem essa alienação fundamental e inaugural.

A memória é o que se recorda e como se recorda no tempo que passa, marcado por essa barra à recordação; proteção do aparelho psíquico contra o excesso de sofrimento, limite à sincronia e ao deslizamento significante. Isto indica uma maneira tendenciosa ou ficcional da memória operar já que os traços marcados sofrem de tempo em tempo novas traduções, transcrições, portanto, deformações e falsificações sob a persistência de um tempo que não se recupera jamais.

As lembranças que encobrem e os três tempos da memória

Essa maneira tendenciosa da memória operar foi especialmente articulada por Freud em torno das lembranças encobridoras. Estas guardam uma relação íntima com os esquecimentos já que, passando pelos dois modos de funcionamento mental, condensação e deslocamento, mesclam impressões importantes com cenas aparentemente sem nenhuma importância, mas que, ao serem analisadas indicam uma relação estreita com algo penoso. Uma parte da realidade vem à tona a partir de um fragmento escolhido.

⁵ Lacan, *O Seminário*, livro 20: *Mais ainda* (1972-73/1985).

Se as impressões mais arcaicas deixam marcas que não se apagam e influenciam a cadeia que cada sujeito irá compor no curso da vida, é também fato de que só temos dessas impressões pequenos vestígios disjuntos que não se encadeiam. Tudo isto levou Freud a afirmar que não temos lembranças da infância, mas lembranças relativas à nossa infância, já que sofrem a distorção do tempo e são impregnadas de sensações, interpretações e imaginação ao serem despertadas posteriormente.

A forma de conceber a memória incide ainda sobre a direção do tratamento. Se no começo de sua obra Freud considerava como tarefa do analista “preencher” as lacunas na memória, em *Além do princípio do prazer* a direção do tratamento passaria por uma estratégia diferente daquela adotada até então que fazia da análise uma arte interpretativa. Freud é muito preciso ao afirmar a importância da construção em análise. Isto que ele nomeia como “construção teórica do analista com sua própria memória”⁶ pode ser lido como uma escuta que permite extrair o que da memória sempre falha. Não se trata mais de recompor um texto estruturalmente falho, já que Freud ratifica a tese de tornar consciente o inconsciente, mas de tratar de outra maneira a repetição desse tempo que não se apaga, promovendo uma torção no tempo ao operar pela transferência uma substituição da neurose primitiva pela neurose de transferência que pode ser liquidada.

O médico empenha-se por manter essa neurose de transferência dentro dos limites mais restritos; forçar tanto quanto possível o canal da memória, e permitir que surja como repetição o mínimo possível. [...] O médico não pode, via de regra, poupar ao paciente essa face do tratamento. Deve fazê-lo reexperimentar alguma parte de sua vida esquecida, mas deve também cuidar, por outro lado, que o paciente retenha certo grau de alheamento, que lhe permitirá, a despeito de tudo, reconhecer que aquilo que parece ser realidade é, na verdade, apenas reflexo de um passado esquecido⁷.

Na *Conferência XXXI* lemos que “cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Se falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as

⁶ Freud, *Além do princípio do prazer* (1920/1976, p.31).

⁷ *Ibid.*, p. 31.

leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas a essa época.”⁸ Isto indica que a seleção das impressões recebidas se dá em conformidade a um tempo no qual essas experiências ocorreram e não com a lógica que governa a época em que são lembradas. Nessa direção Freud nos apresenta a tese do anacronismo, erro de cronologia no funcionamento da memória e do tempo; atribui-se a uma época ou a um personagem ideias e sentimentos que são de outra época. Nesse mecanismo encontram-se os *fueros*, palavra do espanhol antigo que remete a uma lei antiga que vigora em alguma província e garante os privilégios perpétuos dessa região. Vemos que Freud não mede esforços para falar da dominância desse tempo diante do qual nenhuma apelação é possível.

Em *O bloco Mágico*, Freud⁹ retoma algumas das teses indicadas na *Carta 52* e outras teses sobre a memória de 1920, valendo-se agora da escrita no bloco mágico. Nesse dispositivo descrito por Freud uma prancha de cera ou resina tem sobre ela uma folha fina e transparente que se desdobra em duas; a inferior é de papel fino e transparente e a superior é um celuloide transparente. Escrevendo-se sobre essa superfície exterior do papel encerado com um estilete que toca também a parte inferior e a prancha, surge uma escrita preta sobre o celuloide. Levantando-se a folha dupla a escrita desaparece. Todavia, há traços permanentes deixados sobre a prancha de cera “que podem ser vistos sob uma luz apropriada.”¹⁰ O sistema percepção consciência é comparado à cobertura de celuloide; camada protetora dos efeitos vindos de fora que recebe traços, mas não é capaz de retê-los, enquanto o papel encerado e a prancha constituem-se os fundamentos da memória e o inconsciente.

Em *Lituraterre*, Lacan¹¹ retoma a noção do Um¹² no registro psíquico presente na tese do “Bloco Mágico”. Lembramos que esta é também a concepção de inconsciente para Freud conforme pode ser visto também na *Carta 52*; o recalque tenta apagar toda cota de afeto e de inscrições, mas persiste a marca material que impõe maneiras posteriores de escrever e traduzir. E Freud acrescenta: “Tive ainda a suspeita de que esse método descontínuo de funcionamento do sistema *Pcpt.-Cs.* jaz no fundo da origem do conceito de tempo.”¹³

⁸ Freud, A dissecação da personalidade psíquica. Conferência XXXI (1933/1976, p.319).

⁹ Freud, Uma nota sobre o bloco mágico (1925/1976).

¹⁰ *Ibid.*, p.287.

¹¹ Lacan, *Lituraterre* (1971/2001, p. 15).

¹² Lembramos que a noção de Um já se encontra em *Mais ainda* (Lacan, 1972/1981, p.65) associado ao que não faz cadeia, encontra-se disjuncto e sem relação.

¹³ *Uma nota sobre o bloco mágico, op. cit.*, p. 290.

Podemos distinguir, pois, três ideias de tempo que marcam três maneiras da memória operar: o tempo marcado pelo impossível de se apreender, mas efetivo e que não se apaga; o tempo marcado pela descontinuidade e pelo temporal, e o tempo que regredindo, *a posteriori*, tem efeitos de sentido sobre o presente e o futuro. Mas ambos arrastam consigo os rastros desse tempo primário, tempo livre, para nos lembrarmos do escoamento livre de “energia” do processo primário. Isto também pode ser associado ao que indicamos acima, significantes que escoam livres, sem formarem cadeia, sem sentido ou o que foi formalizado por Lacan¹⁴ como letras.

Com Lacan:

O aparecimento evanescente se faz entre dois pontos, o inicial e o terminal, desse tempo lógico – entre um instante de ver em que algo é sempre elidido, se não perdido, da intuição mesma, e esse momento elusivo em que, precisamente, a apreensão do inconsciente não conclui, em que se trata sempre de uma recuperação lograda¹⁵.

“Recuperação lograda” que abre à memória sentidos possíveis, transitórios e contingentes diante de um tempo perdido. Se a memória é uma função do tempo, ela o atualiza, carregando suas falhas, buracos, interstícios inassimiláveis presentes na realidade psíquica; conceito que, segundo Lacan, enodaria em Freud os três tempos (passado, presente e futuro).

Topologia e tempo

Para além das noções sempre complicadas de passado, presente e futuro Lacan expõe a teoria do tempo lógico indicando outra forma de conceber o tempo para além das determinações do relógio. No instante de ver, algo retido como traço toma só depois, nesse tempo de compreender, sentidos possíveis pelos desdobramentos necessários da cadeia significante. É necessário tempo, dirá Lacan, para que nessas voltas no tempo o sujeito construa, no momento de concluir, outras traduções desse tempo perdido e irrecuperável.

Em *O Sinthoma* ele indica uma associação entre topologia e tempo, propondo um enodamento entre R.S.I (real, simbólico e

¹⁴ *O Seminário*, livro 20, *op. cit.*

¹⁵ Lacan, *O Seminário*, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1998, pp. 35-6).

imaginário) por um quarto termo, o *sinthoma*. Trata-se de um enodamento que permite reparar a cadeia, mantendo juntos R.S.I e a especificidade de cada um como *ex-sistência*, buraco e consistência¹⁶.

Independentemente da estrutura, o *sinthoma* refere-se a uma invenção singular do sujeito, diante da debilidade em face da sua constituição. Na análise, acentua Lacan, trata-se de ensinar o analisante a emendar seu *sinthoma* e o real que paralisa o gozo a um gozo possível¹⁷, afirmando dessa maneira um enodamento dos tempos. O *sinthoma* permite instaurar uma nova maneira de tratar o tempo.

Essa maneira topológica de conceber o tempo encontra algumas ressonâncias nas indicações de Heidegger com o conceito de quarta dimensão e no extratemporal de Proust.

Quarta dimensão do tempo e o extratemporal

Em *Tempo e ser*, Heidegger faz uma conjunção entre Ser e tempo pelo conceito de “presentar”. Presentar não é o presente enquanto “agora”, não é uma sequência no tempo, não é o futuro. Nele encontra-se também o “ausentar” ainda não presente, seja pelo que passou ou ainda não se apresentou no presente. O ser-aí, *Dasein*, situa-se em uma trama do tempo na qual o retorno ao passado é também um devir, um porvir ou antecipação no presente de um tempo a advir. “O que está no tempo e dessa maneira é determinado pelo tempo chama-se temporal... O temporal significa o transitório, o que passa no decurso de tempo”¹⁸. Mas, o tempo que passa permanece como tempo implicando com isto que ele não desaparece.

Para o filósofo, o tempo autêntico é tridimensional, e as três dimensões são “enviseradas” pela quarta dimensão: o apresentar-se repousa no “proporcionar-se cada uma à outra [...] não apenas uma espécie, mas uma dimensão efetivamente real [...] Mantém previamente ligados um ao outro na unidade, os modos de alcançar do passado, do futuro e do presente”¹⁹.

Esta concepção de tempo assemelha-se ao que Proust nomeia de extratemporal, um entrelaçamento das três dimensões do tempo por um traço singular e intraduzível.

¹⁶ Lacan, *O Seminário*, livro 23: O *sinthoma* (1975-76/2005).

¹⁷ *Ibid.*, p. 71.

¹⁸ Heidegger, *Tempo e ser* (1979, p.268).

¹⁹ *Ibid.*, p. 265.

[...] o ruído da colher no prato, a desigualdade das pedras, o sabor da *madeleine* fazendo o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, o ser em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o presente, se conseguia situar um único meio por onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo.

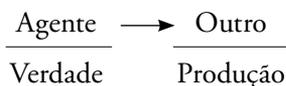
Se o gosto da pequena *Madeleine* (biscoito típico de uma região do sul da França), o pisar no calçamento irregular, os ruídos e cheiros de outrora lhe serviram naquele momento para acalmar os temores da morte, foi porque, ali ele pôde encontrar um traço singular unindo as três dimensões do tempo²⁰.

²⁰ Proust, *O tempo redescoberto* (1994, p. 152).

Tempo e discurso

Seguindo essas reflexões, utilizamos “tempos” para indicar as traduções possíveis do real do tempo, intraduzível e fixado. Tempos que circulam, vão com o temporal (o que passa no decurso do tempo), aliam-se aos discursos e incidem sobre os sintomas, provocando vicissitudes da memória. Quais as vicissitudes do tempo e da memória no discurso do capitalista atual?

Para Lacan, os discursos são maneiras de tratar o real, constituindo-se em formas de laço social. Nessa direção temos nos quatro discursos formalizados por Lacan (mestre, histeria, analista e universitário) três maneiras de incidência do significante ($\$, S_1, S_2$) e o objeto a que podem ser lidos como quatro versões do tempo. Conforme figura abaixo, a estrutura discursiva constitui-se de quatro lugares que compõem respostas diferentes ao real conforme os lugares ocupados por $\$, S_1, S_2$ e a .



No discurso do mestre, temos dois tempos da constituição do sujeito: S_1 (tempo real e intraduzível) e S_2 (tempo da produção do sentido). Entre eles há um intervalo, uma perda, marcando a divisão

subjetiva (\$). Como produto dessa operação há um resto, perda que não se recupera (objeto **a**); tempo que excede, mas não se apreende.

Discurso do mestre:

$$\frac{S_1}{\$} \dashrightarrow \frac{S_2}{a}$$

Ao introduzir o quinto discurso, discurso do capitalista, Lacan faz uma modificação no discurso do mestre. No lugar do agente está o sujeito e no lugar da verdade está S1. Introduz ainda uma lógica diferente daquela adotada para os quatro discursos retirando a barreira do impossível entre S1 e \$, S2 e (a), como pode ser observado no DM, e anulando o impossível entre o \$, sujeito dividido, e o objeto de seu desejo (**a**). No discurso do capitalista observa-se uma flecha que parte dos objetos (**a**) indo diretamente ao sujeito (\$) e outra que parte dos significantes mestres (S1) à cadeia do saber (S2).

Discurso do Capitalista

$$\frac{\$}{S_1} \begin{array}{c} \swarrow \nearrow \\ \nearrow \swarrow \end{array} \frac{S_2}{a}$$

Relendo esse discurso com as indicações sobre o tempo, temos nele a prevalência de dois tempos. O tempo real, inassimilável e inapreensível (S₁) incidindo diretamente sobre S₂, tempo da tradução com a anulação da barra do impossível. Do lado direito desse matemática temos a incidência do tempo dos objetos (a) que, mesclando-se como objetos de um tempo que se recupera e não se perde – objetos fabricados pela ciência e o capitalismo moderno e vendidos como possíveis de satisfazer o desejo de cada um –, incide diretamente sobre o tempo do sujeito (\$), tentando anulá-lo e convocando-o ao tempo do mais-de-gozar.

Tempo bizarro que, procurando apagar o inapreensível e apresentando-se como factível e assimilável, produz sujeitos “enlouquecidos” pelo tempo, tomados pelo tempo, sem tempo... Objeto a ser consumido, precioso e *agalmático*, o tempo é regido por uma contradição fundamental, quando não o têm o querem, ao tê-lo devem consumi-lo.

Nos tempos das “memórias curtas”

No tempo das simultaneidades, algumas crianças aceleram demais, já que o tempo é também da desmedida, passando de um objeto e atividade a outros sem que nada lhes detenha a atenção. Os hiperativos sinalizam os efeitos do real do tempo que desliza sem o sinal do “basta”.

O imperativo de que tudo circule em um tempo mínimo, com passagens rápidas de um objeto a outro, incide diretamente sobre a memória. Atualizar, renovar, modernizar em um tempo cada vez mais curto, impõe uma forma de memorização alheia à memória subjetiva que demanda um intervalo para que a retenção se processe.

Uma analisanda de 73 anos acentua sua dificuldade em memorizar senhas bancárias e números de telefones celulares ao contrário dos fixos “que têm uma lógica”. Entre o fixo e o móvel, uma lógica se impõe: cada um é convocado a memorizar uma gama enorme de senhas para acessar simples transações bancárias. Uma vez escolhida, deve-se mudá-las frequentemente para resguardar o sigilo. O idoso que tende a escolher números ligados à sua história é orientado a não fazê-lo, pois são facilmente descobertos. Na nova ordem da memorização instantânea e artificial impera o corte com a história.

Na contramão do novo, os idosos são convidados a esquecerem suas lembranças e a história, sempre fora dos tempos atuais e, sem espaços para os lutos – cada vez mais evasivos –, de perdas que se agudizam, encontram inúmeras dificuldades para enodarem os tempos, atualizando a memória.

Esquecer e “deixar cair” são palavras dos novos tempos que não levam em conta o tempo particular. Esquecidos, muitos idosos adoecem, não falam, perdem a palavra ou se agarram “ao seu tempo”. Por essa via, qual o tempo do Alzheimer? De imediato poderíamos responder: é um fora do tempo de uma memória que se apaga, mas qual memória se apaga?

Da clínica com sujeitos diagnosticados de Alzheimer ou com suspeita dessa patologia, deparei a existência de um ponto singular, já que todo desencadeamento passa pelo sujeito, que toca um rombo na relação com o Outro e que, sem um trabalho de luto –

movimento que permite enlaçar os tempos, abrindo as vias ao desejo –, provoca o desenlaçamento do tempo e da vida. A relação entre estados depressivos e o Alzheimer encontra eco na tese de Messy²¹; lutos mal elaborados diante das perdas, ódio à imagem apresentada pela velhice e que retorna sobre o corpo, isolamento, restrição de laços sociais e falta de investimento no mundo são fatores importantes na constituição do Alzheimer.

Dos casos atendidos e escutados em supervisão com o diagnóstico de Alzheimer pude depreender a presença de uma história marcada por dificuldades significativas com o luto e que, com a velhice, encontrou um casamento bastante infeliz com inúmeras perdas em geral inevitáveis. Supomos nesses casos que o desencadeamento foi uma resposta a um real insuportável ligado à morte de um ente muito próximo, diagnóstico de uma grave doença, perda da marcha, perda da visão, perda do lugar social que, sem um trabalho de luto, leva o sujeito à rendição da própria vida. A memória passa a funcionar à maneira do celofane do bloco mágico. O Alzheimer é uma resposta subjetiva diante de um tempo que não permite mais inscrições²².

Não se pode desconsiderar que a partir de certo momento da vida perdemos mais pessoas e mais laços sociais, e as substituições, necessárias ao trabalho de luto, são também mais frágeis. As incidências do discurso capitalista sobre o envelhecimento são inegáveis, sobretudo concernentes ao predomínio do novo em detrimento da história e do saber singular na maneira de conduzir o real. Diante desse tempo que corre e não dá tréguas, tempo de memórias curtas que impregna todos os laços sociais e a política, o Alzheimer não deixa de responder à sua maneira à demanda de que tudo circule rápido.

Sem as emendas às suturas –, possibilitando que R.S.I mantenha-se juntos sem se confundirem –, no Alzheimer prevalece a perda gradativa da cadeia e, conseqüentemente, a mistura dos tempos e uma indistinção avassaladora entre RSI. Sem essas amarras o sujeito tende a se agarrar a um passado conhecido, como medida protetora contra um real devastador. Sem os meios simbólicos e imaginários e, portanto, sem retenção do simbólico e imaginário, persiste um real do tempo que desliza. Restam apenas fragmentos de cada registro, sem relação entre si.

²¹Messy, *La personne âgée n'existe pas* (2002, p.99).

²² A propósito ver: *Mucida, Escrita de uma memória que não se apaga* (2009).

Um sujeito com 93 anos acentua que depois da perda do marido começou a esquecer os nomes das coisas. Afásica para alguns nomes cotidianos, tenta enlaçar com muitos fios sua história de amor, tempo que não se apaga, à vida que continua. Como falar na falta dos referentes? Como pensar sem as palavras? Insiste em falar pelas lembranças, mas não todas; não quer se lembrar da perda, mas apenas do que vive do objeto amado.

Talvez, como García Márquez, acreditamos que seja um triunfo da vida “[...] que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam”²³. Ou com como Yourcenar que “[...] a memória dos homens assemelha aos viajantes fatigados que se desfazem das bagagens inúteis a cada pausa do caminho”²⁴. Mas não nos desfazeremos de tudo.

“Se ao menos pudesse sonhar com ele!” Tempo real do sonho, em que o objeto perdido pode retornar tal como foi, sem os limites dos *tempos* que corroem até algumas lembranças. Mesmo com afasias esse sujeito agarra-se às lembranças que lhe interessam, e isto não lhe deixa sair do tempo. Para outros, ao contrário, na falta do espaço para o luto, o buraco aberto com as perdas (marcadas inicialmente, sobretudo, no corpo, com buracos substanciais sobre a consistência imaginária) e o domínio de um real sem o amparo do simbólico e imaginário, impera a demissão dos tempos com recuo ao tempo primordial, real.

Observa-se que no final dessa *via-crúcis* dos tempos, vários sujeitos retornam ao tempo do balbúcio, pequenos sons conhecidos, pequenas letras tocadas como música, frases escutadas, traços que marcados não morrem jamais e encontram-se ainda disponíveis, mas sem os recursos da tradução e da amarração.

Se Joyce pode corrigir os erros do enodamento entre RSI pelo sinthoma de sua escrita, dirigindo-se diretamente ao real da linguagem, estilizando-a, quebrando as palavras e fazendo das letras uma invenção original de escrita, do lado do Alzheimer permanece também um encontro com um tempo real (especialmente no final), mas sem possibilidade de invenção, amarração ou costura.

Essas letras, restos metonímicos, resquícios da cadeia que se esgarça, memória de um tempo primordial, talvez sejam o último

²³ Márquez, *Memória de minhas putas tristes* (2005, p. 14).

²⁴ Yourcenar, *O tempo esse grande escultor* (1983, p. 17).

recurso a que alguns sujeitos com Alzheimer se agarram para tratar o real avassalador desse tempo que *realmente* desliza e não para.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. I.
- FREUD, Sigmund. (1896). Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud (ESB)*, Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.I.
- FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In: *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.
- FREUD, Sigmund. (1925). Uma nota sobre o bloco mágico. In: *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XIX.
- FREUD, Sigmund. (1933). A dissecação da personalidade psíquica. Conferência XXXI. In: *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.
- HEIDEGGER, M. Tempo e ser In: *Heidegger*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1979, 255-271..
- LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LACAN, Jacques. *O Seminário Livro 20: Mais ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, Jacques. *O Seminário. RSI (1974-1975)*. Inédito.
- LACAN, Jacques. *O Seminário. Topologie du temps (1979)*. In: <http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque.php>
- LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 23: O Sinthoma (1975-76)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, Jacques. (1971). Lituraterre. In: *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- LACAN, Jacques. (1976). Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI, In: *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Memória de minhas putas tristes*. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2005.
- MESSY, Jack *La personne âgée n'existe pas*. Paris: Payot & Rivages, 2002. 221p.

MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga – Envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. São Paulo: Globo, 1994.
YOURCENAR, Marguerite. *O tempo esse grande escultor*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Resumo

Esse artigo aborda a relação entre memória e tempo, tomando como fio condutor o conceito de real em Lacan: isso que não se universaliza, persevera e inaugura a categoria do impossível. Para tal destacamos em Freud os três tempos da constituição do aparelho psíquico que coincidem com os três tempos da memória, bem como as elaborações acerca das lembranças encobridoras e esquecimentos, demonstrando um enlaçamento estreito entre sujeito, memória e tempo. Com Lacan temos formulações inéditas sobre a relação entre inconsciente, tempo e real, distinguindo um inconsciente fora de qualquer sentido, portanto uma memória acossada também ao real. A partir dessas indicações trazemos à baila algumas reflexões dos efeitos do discurso do capitalista sobre o funcionamento da memória tomando como paradigma a hiperatividade em crianças e o mal de Alzheimer em idosos.

Palavras-chave

Tempo, memória, inconsciente, real, simbólico, imaginário, letra, discurso capitalista, discurso do mestre.

Abstract

This article approaches the relation between memory and time, taking the concept of real in Lacan as a guide: the real that doesn't universalize itself, that perseverates and inaugurates a new category of the impossible. For that, it is necessary to point to the three times of the constitution of the psychic device in Freud that coincide with the three times of the memory, and with the elaborations concerning the hidden remembrances and forgetfulnesses, demonstrating a tight enlacing between subject, memory and time. With Lacan there are new formulations concerning the relation between unconscious, time and real, distinguishing an unconscious outside of any sense, therefore, a memory connected to the real. From such indications the article traces some reflections about the effects of the capitalistic speech on memory functioning, taking the hyperactivity in children and the Alzheimer disease in aged people as a paradigm.

Keywords

Time, memory, unconscious, real, symbolic, imaginary, letter, capitalistic speech, master's speech.

Recebido

05/05/2009

Aprovado

03/07/2009

